

# A ILLUSTRAÇÃO

REVISTA QUINZENAL PARA PORTUGAL E BRAZIL

## PARIS

ESCRITÓRIO, 6, rue Saint-Pétersbourg  
Annonces

ANNO. 12. 12 francos

SUBSCR. 12. 12 francos

ANNO. 12. 12 francos

1.º Anno. — Volume 1. — Numero III.

PARIS 5 DE NOVEMBRO DE 1884

Director: M. J. P. J.

## RIO DE JANEIRO

CARRETA DE NOTÍCIAS, 70, R. do Ouridor,  
Assinaturas

ANNO. 12. 12 francos

SUBSCR. 12. 12 francos

ANNO. 12. 12 francos



NOVEMBRO. — Quadro de Jeneudet. — Gravura de Baudé



## AVISOS

**OMO** os paquetes das *Messageries Maritimes* que saem de S. Paulo em 5 de cada mes deixam de tocar no Rio de Janeiro a partir de novembro, para se recomparem o seu serviço em 5 d'abril, — os numeros da *ILUSTRAÇÃO* respectivos ao dia 5 de cada mes passam a ser expedidos para o Brazil pelo primeiro paquete da companhia do *Inde* que tocar em Bordeaux. E o que já succede com este numero.

O serviço para Portugal não soffrê a menor interrupção.

## SUMMARIO

TEXTO: *Chronica*, por Mariano Pina. — *Fátma* (poesia) por Valentim Magalhães. — As noivas gravuras: Novembro, Hans Makart. Um cantor árabe, Castello de Gualdim Pães, Fim d'Estação. — O amor, por Jules et Edmond de Goncourt. — De viagem (poesia) por Filinto d'Almeida. — *Gilherme d'Adveço*, por Filinto d'Almeida. — *Altar sem Deus* (poesia), por Luiz Delfino. — *Nútas e impressões*. — *Theatros*, por J. Miranda. — *Passa-tempo*.

GRAVURAS: Novembro, quadro de Jenuudet, gravura de Brude. — Hans Makart. — Funerías de Hans Makart em Vienna. — ARTE ITALIANA: Um cantor árabe, quadro de Domenico Morelli. — *Capota de Diana*, quadro de Hans Makart. — Portugal: *Castello de Gualdim Pães*, desenho de Greco, gravura de Heitor. — *Fim d'estação*, quadro do Buez.

## CHRONICA

Em folhetins e em chronicas litterarias de jornaes portuguezes que regularmente recebo em Paris, além d'um excessivo abuso de palavras e phrasas francezas embutidas em todos os periodos e que deixam advinhar, da parte de quem as escreve, um desejo banal de querer ser distincto, chic, mundano — tenho encontrado tambem como a mais elevada expressão de fina elegancia litteraria appropriação ao meio lisbonense de termos do calão de Paris, que destituem comicamente pelo constante mau emprego.

E achel que seria curioso tratar do assumpto diante d'um publico a quem fallam todos os dias os respectivos chronistas em *gommeux*, em *grelottoux*, em *boudinés*, em *pschutt*, em *v'lan*, em *gratin* — quando o publico só sabe que existe o *maritalha*, o *janota*, o *catita* e a *vida airada*!

Ora toda esta sociedade do mais fino *pschutt* e do mais fino *v'lan* é a sociedade a mais equivooca e a mais falsa e a mais perigosa de Paris.

Os homens são uns sujeitos que a maior parte das vezes não podem fazer uso do seu nome, e usam d'um supposto para illudir a policia.

São todos jogadores. Aos vinte annos tinham já feito tantas dividas, e tinham tantas vezes vexado os paes passando no lado das irmãs com as amantes de braço dado, que os paes se viram obrigados a expulsal-os de casa e annunciar pelos jornaes de maior circulação — que não respondiam pelas dividas que elles contrahissem.

Expulsos de casa, foram habitar com a amante á custa de quem começaram a viver, escondendo-se atraz dos reposteiros da sala, quando alguém os visita de dia. Como precisam de dinheiro, como precisam entrar no café e no restaurante da moda, appare-

cer em todas as primeiras representações, lá ás praias onde vac a alta sociedade, ás cidades d'aguas, no inverno a Nice, e a Monaco, — correm aos *tripots*, ás casas onde se joga a roleta e o *baccarat*, e ahí passam as noites, fazendo combinações, inventando estratagemas, marcando cartas, usando de trabalhos falsos quando a *sorte* os não protege... o que lhes vale de tempos a tempos um bom par de bengaladas, um escarro, ou meia duzia de ponta-pés. Quasi sempre a policia os mette em Mazas onde vão passar o resto da existencia ou a fazer capachos ou a escrever cintas para jornaes (1) quando se não lembram uma madrugada ou de se atirar ao Sena ou de metter uma bala nos miolos. Ou temos de os ver entrar em Mazas ou temos de os ver em exposição na Morgue — para se reconhecer a identidade do cadaver.

Quasi todos os homens do *pschutt* e do *v'lan* constituem um bando de vadios sem nome e sem credito, que vivem apenas do jogo, das amantes, ou d'uma pensão que lhes dá uma pobre senhora com fortuna que encontrou um d'estes bandidos na sociedade, com quem teve a infelicidade de se casar, e de quem se divorciou no dia immediato ao do casamento!

As mulheres do *pschutt* e do *v'lan*, essas apregoadas creaturas que descem todas as tardes os Campos Elyseos, radiantes, provocadoras, throneando a sua belleza sensual em cima d'um ligeiro phaeton tirado por um bello cavallo inglez, cujas redeas ellas seguram pondo em evidencia as luyas brancas bordadas a preto — valem perfeitamente os homens do mesmo mundo...

Ou são mulheres que teem subido com o vicio, ou são mulheres que para lá desceram.

Aos quinze annos vieram dos lados de Clichy ou dos lados de la Villette, em bandos de trez e quatro, até aos *ateliers* de costura da rua 4 de Setembro e da rua Richelieu.

As sete horas da tarde, quando fecham os *ateliers*, o bando caminhava alegremente ao longo dos boulevards, parando em frente da riqueza febril das montras, atrahido pelas joias que nos olham com a provocação das suas mil scintillações de cores diferentes, — espreitando para dentro dos cafés gloriosamente illuminados, donde sae um immenso rumor de gargalhadas felizes, de conversas altas, de gritos de criados e do tilintar de crystaes sobre mezas de mármore.

O bando era fresco e bonito e louro e estouvado. Quando passava, a rir francamente, de todas as cousas comicas que se cruzam n'este immenso Paris, os homens voltavam-se atrahidos pela frescura d'aquellas gargalhadas tão vivas. E pouco a pouco foram apparecendo *ces bons messieurs* que dizem amabilidades, que dão respeitosa-mente as boas noites, que offerecem a sorrir o braço esquerdo, que deixam ver a estes olhinhos ambiciosos de grandezas um anel com um brilhante e uma fita qual-quer na banda do *pardessus*.

(1) Não só os jornaes de Paris, mandam escrever as cintas, pelos presos, como tambem os grandes armazens sobrescritar as suas remessas de catalogos. Escrever mil nomes e mil moradas e trabalho que se paga aproximadamente com 200 reis...

Os primeiros amores foram com estudantes. Era uma tarde de junho, d'estas boas tardes de junho tão brancas, tão tranquilas, tão doces, que se prolongam até ás oito. O bando saiu mais cedo do *atelier*. Os estudantes deram o braço ás costureirinhas, e lá foram todos até ao caes para descerem o rio n'um *bateau-mouche*.

Já era tarde para ir a Meudon ou a Saint-Cloud. E desceram no Trocadero, e foram sentar-se sobre a relva fôfa, divagando sobre cousas alegres, fallando de futuros tranquiillos, d'amores eternos (?) d'uma existencia passada n'um quarto cheio de sol d'um sexto andar do Luxembourg, onde se havia de ouvir dia e noite a musica feliz dos beijos apaixonados.

Tudo isto é delicioso — a principio.

Mas o estudante infiel desaparece um mez depois, quando já se abandonou á vida do *atelier*, quando se teem passado muitas noites na folia desordenada das quintas-feiras do Bullier, quando já se teem visto de perto as elegantes do *outro lado*, ruidosas de sedas, carregadas de brilhantes, tendo ao lado de *ces bons messieurs* que mandam abrir garrafas de champagne e que pagam tudo com bilhetes de cem francos.

E começa então a existencia difficil, a lucta pelo dinheiro, o estomago berrando que tem fome.

O inverno chega. As manhãs são negras e as noites bem frias. É necessario alugar um quarto ou alugar um *appartement*. É necessario fazer a sua provisão de carvão. E começam os tristes almoços de batatas fritas, e as tristes caminhadas para o *Mont-de-Piété*. E naturalmente aceita o primeiro braço que lhe offerecem ao voltar d'uma esquina!

Cinco annos mais tarde, se a Fortuna lhes sorrio, disfarçada n'um velho *millionaire* ou n'um príncipe imbecil, são estas raparigas que formam a tão apregoadá legião das mulheres *pschutt* e das mulheres *v'lan*.

São ellas que apparecem pelas frisas dos theatros na moda, pelas avenidas do Bosque, pelas corridas de cavallos, e pelas salas do *Café da Paz*. São ellas as deliciosas parisienses de que fallam com entusiasmo o *Gil-Blas* e o *Echo de Paris*. São ellas que andam photographadas nas paginas do *Boulevardier*. São ellas que teem palacete para os lados dos Campos-Elyseos e do parque Monceau, que recebem nas suas salas o estrangeiro ingenuo e a mocidade rica de Paris que vac sentar-se ás suas mezas de jogo, onde meia duzia de larprios de cascaca fazem um *baccarat* com cartas marcadas.

São ellas as amantes celebres de todos aquelles que só teem a celebridade em Paris por possuirem taes amantes...

E se as mulheres do *pschutt* e do *v'lan* não vieram de Clichy nem de la Villette para o grande centro da vida parisiense, então ainda é peor a sua procedencia. São o bando impudente das adúlteras que a maneira do personagem de Sardou gritando orgulhosamente nas *Pattes de mouche* « sou eu o marido illudido! » — vão para os bailes publicos de braço dado com os amantes, sujando por todos os lados o nome que lhes não pertence.

Mas todos... todos... homens e mu-



heres do *pschuff* — formam uma camada aquívoca, imbevil e perigosa de frequentar.

Se os vemos à meia noite às mezas dos cafés da moda, tomando um chocolate ou saboreando uma salada russa ou uma *perutz* tatarica, todos tem o ar de príncipes milionários, — tal é a majestade das suas cumismas, a correção das casacas, o brando im-maculado das gravatas, a *physionomie* fria e desdenhosa, o olhar perdido em cousas indiferentes. Tratados de perto, não tem um nome, não tem uma profissão nem uma ideia, nem uma nota de mil francos na carteira de setim.

As mulheres, meias mesm' d'estas illustras do *pschuff*, não sabem escrever... É a professora de piano de que falta Roqueplan quem lhes lê todas as manhas, á hora da lição, as cantas que todos os apaixonados lhes mandaram na vesperta e quem escreve também as respostas.

Conta Roqueplan:

Que finalizando as lições de piano ao meio dia, um gentleman mandava uma carta a uma *cocotte*, á uma hora e trinta e cinco, convidando-a para ceiar naquella mesma noite. E encontrava de tarde a *pschuff* leuse:

— Posso contar consigo?

— Meu caro, responde ella com uma deliciosa ingenuidade, terei ámanhã a honra de lhe responder...

E no que diz respeito aos antepassados da mulher *pschuff*, conta-se que o duque de M... actualmente muito na voga, queixava-se ha dias a uma deliciosa *parisienne* da insolencia do seu guarda-portão.

— Minha amiga. Deve pôr na rua aquelle sujeito... e quanto antes. É um porteiro perigoso.

— Já pensei nisso, já... Mas que quer? É meu tio!

MARIANO PESSA.

## FATME

A LUÍZ MURAT

Quando meus labios nos teus labios tomas  
Nuns beijos quentes, fundos, demorados,  
Sinto os nervos tangidos, repassados  
De estranhos sons, de câmbios aromas,

De uns effluvios electricos, pesados,  
Como um leite de gozo em virgens pomas  
Bebido! E os meus desejos revoltados,  
Com a castidade dos teus olhos — domas.

Ah! Fatma! Teu moreno e flável seio,  
Qual sab a nevosa o Ganges adormido,  
Offega sob o véu alvo epudico...

Santo-me um príncipe orgulhoso e rico,  
Que dos Hindús e Soudras precedido,  
Para bôlfar-te os pés do longo véio!

Rio do Janeiro.

VALENTIM MAGALHÃES.

## AS NOSSAS GRAVURAS

NOVEMBRO

O quadro de Jemaudet foi um dos grandes e mercedados successos do *Salon* de Paris de 1883. O assumpto tratado por este fino e delicadissimo artista é chefe d'uma melancolica poesia e irresistivel.

Para o palco d'um casa modesta, junta d'uma grande purga caída de fresco aquecida pelos ultimos raios d'um sol outonal, a avó traçou a netinha quasi moribunda para que ella aliada veja mais uma vez o *palácio* azul do céu. Os olhos supplicantes parecem pedir á luz ainda alguns dias de vida; e deusa culir das mãos as ultimas flores que ámanhã talvez a hão-de ver partir para o tumulo.

A avó envolve com um olhar profundo e desolado a pobre creança cuja alma se está evolvendo. E parece adivinhar os dias que lhe restam para contemplar a *physionomia* amada d'aquella que é todo o seu vida, que merece todos os seus carinhos e todos os seus affectos.

É todo um poema de sentimento verdadeiro este magnifico quadro. O successo que elle obteve em Paris mereceu-o bem, por que poucos vezes um artista deixa transparecer na sua obra tanto talento, tanta delicadeza de composição e de desenho, tanto sentimento, como Jemaudet no seu quadro *Novembro*.

Se os nossos leitores não podem apreciar todos os encantos do colozido, resta-lhes a belleza do desenho, religiosamente respeitada na gravura pelo nosso collaborador Ch. Baudé, o auctor de tantos obras-primas que A Illustração tem divulgado em Portugal e Brazil.

## HANS MAKART

NASCIDO em Viena o grande pintor austriaco Hans Makart.

Nasceu em 20 de maio de 1840. Fez os seus estudos em Munich, onde foi discípulo do celebre Piloty. Debutou, em 1866, com duas telas de primeira ordem que lhe valeram logo a celebridade. E figurou na Exposição de Paris em 1867 com as *Ruínas Romanas*.

Hans Makart viajou muito tempo pela Italia, Hungria e Egypto, dedicando-se especialmente nos seus estudos á *pintura* historica, ao retrato e á *pintura* allegorica. O talento do illustre artista era já muito apreciado em Viena quando elle expoz em Paris, em 1878, na Exposição universal, a sua tela mais importante: *Entrada de Carlos V em Anvers*, que lhe valeu uma medallha d'honra e a cruz da Legião d'honra.

Entre as suas outras telas citam-se as *Sete peccados capitais*, *Cleopatra*, *Caçada de Diana* e um numero consideravel de retratos femininos pertencendo á alta sociedade viennense.

A *Caçada de Diana* é a tela que a Illustração escolheu neste momento para offerecer aos seus leitores e dar-lhe uma ideia da obra do artista. Neste quadro allegorico vê-se largamente a inclinação do celebre pintor para o estudo do nu, e desta composição ressaltam brilhantemente as figuras das mulheres, estas figuras deliciosas para que serviram de modelo as damas da aristocracia de Viena. É esta uma das boas lendas que acompanham sempre o nome de Hans Makart. Centas damas da nobreza consideravam como uma honra ir ao atelier do pintor e servirem de modelo para os seus estudos do nu. Hans Makart era muito estimado do imperador d'Austria que proporcionava ao artista uma vida principesca.

Ha poucos mezes Makart foi accometido d'um accessão de loucura. Alguns jornalistas e criticos europeus noticiando tambem a futilidade deixavam perceber que para isto tinha influido o amor proprio e o orgulho do artista. Effectiva-

mente o genio de pintura de Hans Makart começava a ser pouco apreciado nos mercados europeus. E em quanto a sua reputação declinava em Paris, Londres, ou o publico se esquecia do artista, um outro pintor crescia a cada momento na opinião da critica. Káro Munkacsy.

Mas Hans Makart era inegavelmente um grande artista. O quadro que hoje damos deixa perceber claramente as soborbas qualidades do pintor — que desenhava como *pauze*.

A nossa gravura de pagina 191 dá uma ideia dos esplendidos successos realizados em Viena d'Austria onde falleceu Hans Makart.

O cortejo em que tomaram parte os primeiros artistas, escriptores e homens da alta sociedade de Viena era deslumbrante pelo seu rigor e veridica historica, fazendo-se a Hans Makart funestas como se poderiam ter feito a algum artista genial da renascença italiana.

## UM CANTOR ARABE

Este quadro que hoje publicamos com este titulo é a copia feita por Riera d'um magnifico quadro do grande pintor napolitano Domenico Morelli, il *principe des peintres napolitains*, como dizem em Italia.

O cantor arabe é um estudo delicadissimo da vida oriental, magnifico d'expressão e soberbo de desenho, e onde se vê que os artistas italianos longe de terem parado como muitos criticos tentam asseverar, acompanhavam brilhantemente o movimento moderno, desenhando e pintando e observando com a mesma elegancia com que o fazem os seus collegas de Paris.

A lausição ha-de fazer passar diante dos olhos dos seus leitores varias obras-primas da arte italiana contemporanea inteiramente ignoradas do publico portuguez e brasileiro.

## CASTELLO DE GUALDIM PAES

A gravura que A Illustração hoje publica é obra d'um artista portuguez que ha annos estuda em Paris — sr. Heitor — artista que ainda ha pouco foi premiado na exposição de bellas-artes de Lisboa com uma medallha de cobre. O desenho é de Greno, um outro artista que a Academia de Lisboa mandou para Paris como seu pensuista.

O pittoresco castello de Gualdim Paes — que prende a historia dos Templarios — nasceu com a povoação de Tamariz, segundo a dominção arabe, que os portuguezes depois chamaram Thomar.

Vamos encontrar n'um artigo do erudito e distincto professor Francisco Benevides, os seguintes curiosos apontamentos que explicam inteiramente a nossa gravura:

« Foi pelos annos de titio da nosse era que D. Gualdim Paes fundou este castello em um monte a O. do rio Nabão e na margem direita do mesmo, dominando uma vasta planicie.

« No anno 1190 (?) soffreu este castello um rigoroso ataque de um exercito do imperador de Marrocos que assolou o Algarve, o Alentejo e a Estremadura, vindo porreptado cerco ao castello de Thomar.

« A povoação de Thomar que toda se recolheu ao castello, oppoz tão grande resistencia, que os mouros tiveram que abandonar o cerco, vingando-se em saquear a villa e outras povoações e levando 13,000 captivos.

« O castello foi depois reparado e ampliado a sua fortificação.

« Hoje conta mais de sete seculos e ainda esta de pé, apesar de bastante arruinado pelos insultos do tempo.

« Não é uma praça de guerra; é uma realda



historica como tantas outras que nos recordam passadas glorias.

« Entre a sua primeira e segunda linha de muralhas já não assentam pousada, as povoações perseguidas, mas vicejam fructuosas vinhas que augmentam as riquezas da paz de um povo que deixou de viver para as luctas das armas para empunhar o alvião do Trabalho e fecundar a terra que seus irmãos regaram com tanto sangue para fundarem a independencia d'este reino tão disputado.

### FIM D'ESTAÇÃO

**D**e novo apparece nas nossas paginas o nome d'um artista que é já hoje um dos mestres da nova geração. Assim como Neuville e Bastien-Lepage, Duez é um dos artistas mais queridos e mais applaudidos de Paris, e todos os annos os seus quadros no Salon e as suas aquarellas na exposição dos aquarellistas francezes, são objecto de grandes applausos e dos mais largos elogios da parte de toda a critica parisiense.



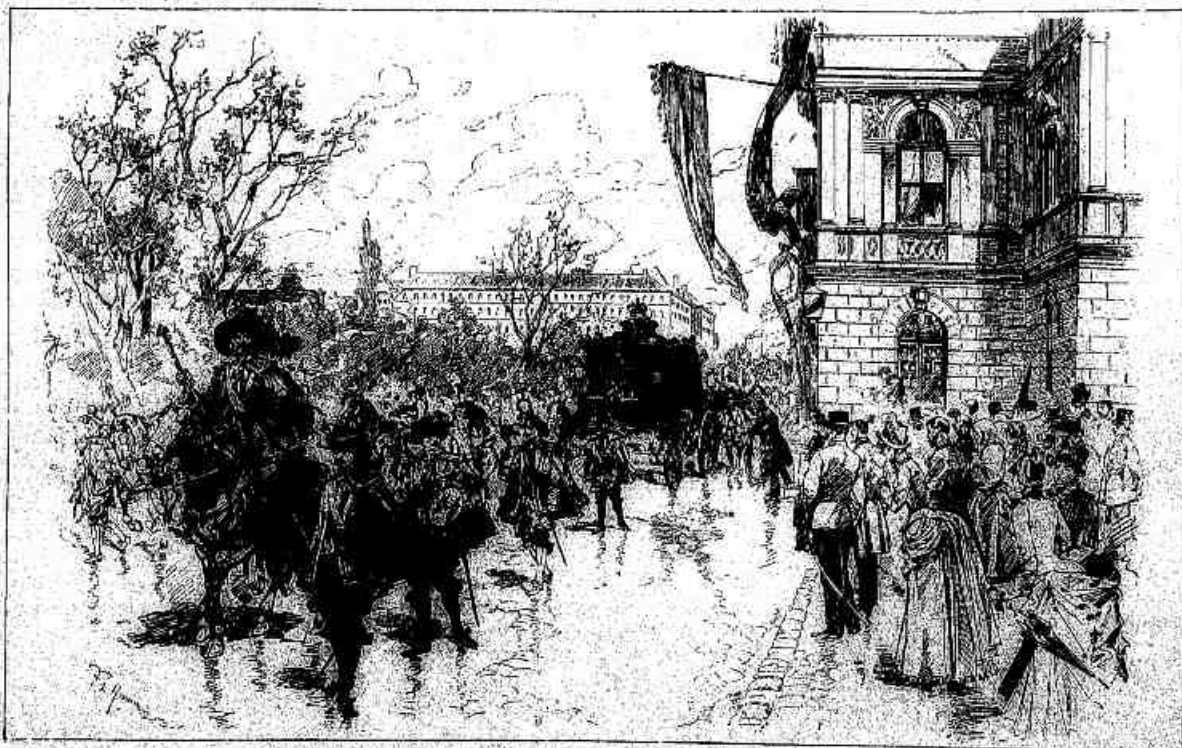
HANS MAKART

Um dos assumptos que mais prende o espirito de Duez é o mar que elle trata com a mesma delicadeza e o mesmo sentimento com que o faz Stevens, o grande pintor belga.

N'este quadro que hoje damos mostra-nos Duez uma d'estas familias intrepidas que a temperatura e o outomno já não assustam. O vento sopra, a brisa é fresca, adivinham-se os primeiros temporaes. Pouco importa! Vestem-se fatos d'inverno, e não se abandona a praia antes do mez de novembro. O mar assim até é mais bello, as ondas são mais coroadas d'espuma, e as crianças fazem a sua provisão de saude para o proximo inverno, respirando a largos pulmões este ar tão vivo e tão salutar.

Duez que pintu o mar e as praias tão finamente como pinta a graciosa parisiense, encontrou o meio de grupar n'um quadro encantador os seus assumptos mes queridos.

Proximamente a ILUSTRAÇÃO publicará um outro quadro do notavel artista.



FUNERAES DE HANS MAKART EM VIENNA



ARTE ITALIANA. — Um Cantor Árabe. — (Quadro de Domenico Morelli.)



## O AMOR

EXTRAÍDO DO « CHARLES DEMAÏLLY »

**C**harles DEMAÏLLY é um soberbo romancista que os leitores Goncourt encravaram em 1886. A illustração no seu numero 2 publicou o retrato do Edmond de Goncourt, e no seu ultimo numero o retrato de Jules de Goncourt — faltado ha annos — a propósito da nova edição do romance *En 18...*. Para dar mais uma vez aos nossos leitores uma ideia do brilhante talento desses dois escriptores, da elegancia da sua phrase, da delicadeza do seu estilo e dos finissimos dialogos dos seus livros, verdadeiras obras-primas, vamos offerecer-lhes um capitulo do *Charles Demaïlly*, o capitulo do jantar em casa de Grécy, uma cantora dos Italianos com grande voga em Paris. Charles Demaïlly é a verdadeira expressão do typo do parisiense phantasiasta, espiútozo, um tanto sceptico. As suas opiniões ás vezes são duras e amfificas das nossas convencções sociais, mas nunca deixam de revelar um espirito superior onde mesmo se advinha a personalidade dos Goncourt, dois romancistas que são uma das glorias da moderna reforma litteraria.

A casa de jantar era magnifica. Toda em marmore branco, cortada de pilastras com capiteis e um friso em bronze verde. Os buffetes eram de marmore, e desenhavam em cima d'abutres de bronze verde que o esculptor Cain tinha rubricado com o seu nome, com a sua força e com o seu estylo. Nas duas extremidades da casa duas carrancas de bronze verde deixavam cair o ruido d'uma agua em repuxo para dentro de duas conchas de marmore branco, onde nadavam flores dos tropicos.

Comia-se n'um serviço branco de Saxe. A Grécy tinha pela porcelana o gosto da velha Hespanha; só podia supportar a porcelana branca: branco de Saxe, branco de Sévres ou branco de China.

A Grécy era sempre bella, admiravelmente bella e admiravelmente pallida. Os olhos eram estes dois grandes olhos pretos, os olhos da cidade de Tégoo, na pintura antiga do Museo Bonbonico: as paixões d'uma Pasiphine parecia que adormeciam n'elles por entre languidez e nostalgia do Oriente. A sua saia era ainda uma saia de rendas d'Inglaterra, a *toilette* habitual e consagrada da sua belleza; somente, em vez d'um collar de perolas, trazia ao pescoço um collar de coral, que Grancey, na sua ultima viagem a Italia, tinha encontrado por um bocado de pão em casa d'um judeu do Ghetto. Este collar, o collar da rainha Carolina de Napoles, era um duplo rosario de grãositos presos aos hombros e ao começo do pescoço por trez medallhões dignos de Pyrgoteles. Em todo este branco, este collar de purpura em torno do pescoço produzia um effeito inesperado.

Os criados estavam vestidos de preto, casaca, calção, meia de seda; e, para que o serviço não causasse o menor ruido, os sapatos eram forrados com solas de flanela.

— A minha primeira amante... — começou Boisroger.

— Pois tu tiveste uma primeira amante? interrompeu Franchemont; — que homem tão feliz!

— Admittes o amor? — diz-lhe Boisroger.

— O amor?

— Heim?

— Oh!

— Ah!

— Eh!

— Diabo!

Houve uma modulação d'exclamações.

— O amor?... A sua saude! — exclamou a Grécy erguendo-se n'uma explosão de riso.

Quando de novo se sentaram:

— O amor? — diz Grancey a Boisroger, que entendes tu por isso?

— A unica loucura que é razoavel e o unico desgosto que nos faz feliz, — respondeu Boisroger.

— Mas isso é a definição do casamento e da viuvez! — diz Demaïlly.

— Meu caro. Quer ter a bondade de me definir o amor?

— Perfeitamente, — responde Demaïlly.

— O amor é — o amor.

— Não, — diz Lamperiere. — O amor é a mulher.

— É uma opinião, — exclama Grancey.

— O amor?... um fluido? — diz de Remonville, — um phenomeno d'electricidade... Ha mulheres feias que desenvolvam o amor.

— Não digamos mal das mulheres feias, — diz Franchemont. — Quando uma mulher feia é bonita, essa mulher é encantadora!

— Em todo o caso, — diz Grancey — é uma lindissima invenção: é a alma de tudo o que não é verdadeiro. Abram um romance: não ha senão um romance, o amor! Vão ao theatro: não ha senão um theatro, senão uma peça, senão uma intriga, senão uma comedia, senão um drama, senão um desfecho, o amor! A opera não tem senão uma opera e senão um bailado, o amor? É para acreditar, palavra d'honra que é para acreditar que o amor existe no publico e na vida.

— Então! — exclama Bressore.

— O amor, meus senhores, é uma coisa que chega, — diz Boisroger.

— Oh! Oh! — exclamou alguém.

— Ha exemplos! — exclama um outro.

— Certamente, — diz Demaïlly; — conheci um velho que casou com uma rapariga... Pais mettia um lenço na bocca para não ressonar um dia, ou antes uma noite...

— Resonou?

— Pelo contrario, morreu... Tinha engolido o lenço.

— Eu, — exclama Bressore.

— Um instante. — diz Franchemont: — trata-se de raciocinar com principios. Penso que ha mais amor que mentiras. Ha o amor antigo e o amor moderno, que estão tão longe um do outro como o pudor da decencia...

No mesmo seculo temos os amores de Richelieu e os amores de Lauzun, Don Juan que ri e Don Juan que chora... Sabem que os analyistas classificaram e sub-classificaram o amor, absolutamente como...

— Um reino animal...

— Sim?... De que amor se trata?

— Estamos nos doces... Tratemos do amor platónico.

— Aquelle que as mulheres perdiam algumas vezes...

— E que nem sempre as desculpa!

— Se não fallassem apenas do simples amor, do amor mais simples? — exclama Lamperiere.

— Do verdadeiro! — acrescenta de Remonville. — d'aquelle que terrasta soldados até ao suicidio, que obriga os homens a hon-

rados a roubar ao jogo, os homens do mundo a casarem-se de desespero e de ruiva, as mães de familia a envenenarem o pae dos filhos de seus amantes!

É verdade, — exclama Bressore.

— Meus senhores, — diz Boisroger, — quando se fez o mundo, era um domingo, e Deus, não tendo mais nada que fazer, fez o amor.

— Qual historia! — exclamou Demaïlly: — quem inventou o amor foi o homem... Deus só fez a mulher.

— Pois começou perfeitamente, — responde a Grancey.

— Então vocês bem certos de que já amarão? — pergunta de Remonville.

Eu já ame!... — responde Grécy.

E o seu olhar tornou-se fixo e hesitou diante d'uma recordação.

— Por quem nos tómas? — respondeu Franchemont. — Par homens sem educação? Affirmo que nós todos temos lido maus livros, beijado velhas luvas de Suède, e pensando em fazer tolices, todos, todos!

— E o sr. também, o senhor sentimental, — diz a Grécy a Demaïlly.

— Eu? — exclama Demaïlly distraído.

— Ah! perdão... parece-me, tenho quasi a certeza de que já ame!... Mas não sei quem.

— Foi n'um baile de mascarar? — diz a Grécy.

— Muito antes... tinha dezesseis annos... estava uma manhã no campo, pela primavera, não me lembro onde. A terra estava ainda quasi nua, e estremecia de vida e d'esperança como se tinitasse com frio... Arvores definitadas... Os rebentos mal appareciam... Um céu claro d'um azul tão fino, que o dia parecia branco... Havia no ar e por toda a parte uma puerberia tibia da natureza... O coração grande, inchado d'alguuma coisa que eu desconhecia, o peito dolorido e cheio d'ancias, puz-me a chorar... E nunca mais pude encontrar estas lagrimas!... E se algum dos que estão presentes deseja fazer d'esta aventura um drama d'espectaculo para a Porte-Saint-Martin, dou-lha de presente.

— Aceito, — diz Franchemont; mas em geral ha sempre uma mulher no fim do amor...

— A não ser que seja ao começo — exclama de Remonville.

— Tudo tem os seus inconvenientes n'este mundo, — responde Grancey.

— A mulher... — começou Franchemont; mas interrompando-se, e dirigindo-se a sorrir para a Grécy:

— Estamos entre homens, não é verdade? —

— Perfeitamente!

E a Grécy inclinando-se sobre o ouvido do seu velho apaixonado:

— Estes senhores vão dizer tolices... mas não os escutes, Bibi, é troça!

— A mulher, — exclama Bressore.

— Aqui está o que é a mulher!

— Que Bressore seja expulso!

— Então Bressore, — exclama a Grécy, — o sr. quer que eu cêpre...

— O quê? O quê? Bressore! — exclama Grancey, — uma creatura que é o engenho personificado! um ser que sabe andar sem se enlamear, fazer chaf, tocar piano, contar a roupa, voltar uma amelete quasi tão bem



como um homem, sorrir no momento próprio, marcar lençóis, chorar sem ser ridículo, dar um lago n'uma gravata branca, fazer garatujas n'uma folha de papel, decotar-se decentemente, fallar com uma voz que causa calafrios, esconder o pé n'uma botina, consolar um homem, pedir esmola para os pobres, ler, bordar e enganar a sua criada de quarto?

— Mas eu referia-me á mulher, — diz Bressoré, — não fallava da parisiense...

— Mas afinal o que é a mulher? — pergunta Franchemont.

— É o erro do homem, — responde Demailly.

— Sim, mas o homem é o erro de Deus, — diz Lamperrière.

— Que importa! — responde de Remonville, — é um menor emancipado pelas sociedades modernas!

— A alma da mulher — exclama Demailly — está mais perto dos sentidos que a alma do homem: é o exterior que a fere; julga do caracter pelos bigodes, do homem pela casaca, do livro pelo titulo, do actor pelo papel, e da canção pela musica.

— Podem-me dizer tudo quanto quizerem, — responde Lamperrière — podem ter tanto espirito contra os meus prejuizos como Voltire contra os seus inimigos: responderei apenas com duas palavras... Ha na vida um anno, no anno um dia, no dia uma hora, que, ao atizar o lume da chaminé... já não ha primavera, Demailly, por que é chegado o outomno; tem-se trinta annos, e as bellas lagrimas de que ha pouco fallava já vão longe... remechem-se as cinzas... e repara-se que se está só, absolutamente só. A solidão, que era hontem a liberdade, peza-lhe hoje de repente... Oh! o coração já não é grande, e o peito é immenso! Chega a noite, e lembra-se que os amigos passam e a juventude foge... e docemente nos seus olhos, que fecha para ver melhor, e no seu coração que se abre, surge, como uma recordação da mocidade, o Lar!... Revê seu pae que não estava só; por que muito perto d'elle, sua mãe o estava embalando ao sr... E o senhor começa a pensar pouco a pouco que a familia é o segundo futuro do homem, o que a mulher é a metade da familia.

— N'uma palavra, o casamento? — diz Demailly; — infelizmente estamos prohibidos do casamento.

— Porquê?

— Por que não podemos dar um marido... Um homem que passa a sua vida a agarrar borboletas n'um tinteiro é um homem fóra da lei social fóra dos regulamentos conjugaes... Alem de que, o celibato é necessario ao pensamento... E depois? A paternidade?... um berço?... filhos?... Mas o que é um filho? Um bocudo de vós mesmo que traz o vosso orgulho e prolonga o vosso nome, um quasi nada d'immortalidade que se acaricia sobre os joelhos... Inutil, mea caro! Nós temos cousa melhor: os nossos filhos são as nossas obras!

— Fazem menos bulha! — exclama Boisroger com um sorriso.

— Concedes-nos ao menos a amante? — diz de Remonville.

— Desejo fazer uma pergunta a Demailly, exclama uma voz.

— Qual é amante que nos convém?

— A amante estúpida, — diz Franchemont.

— Basta apenas que elle não seja uma mulher d'espirito! — responde Demailly.

— Uma amante que não seja preta, — diz Boisroger: — mas não d'encolouro!

— Ha ainda a amante trunfo ou não?

— A Louca de Petrarca... — diz de Remonville.

— É que dizem da amante admiravel...

— Ah! como a mulher legitima da...

— Justamente... uma mulher que se fia na admiração diante dos vossos livros, que anda de vossa luma, que afaga o vosso amor proprio, que vos sabe de cor e que vos conta de joelhos... finalmente uma Alfiere...

— Ha-de por fim aborrecer-se! — diz de Remonville.

— Creio que sim! Foi d'isso que morreu Alfieri.

— Resta-nos o genero Therese Levisseur...

— E a Albertina de Marat... horror!

— O mais prudente, — diz Franchemont.

— Sabem o que é mais prudente? Pegar-se n'uma mulher da historia, n'uma estatueta sympathica, — não digo madame de Maintenon... Põe-se n'um altar, veste-se como uma Santa; e, depois d'algun tempo... chega-se a adorá-la.

— Tem toda a razão Franchemont — responde Demailly, — seria o mais prudente... Ha por acaso lugar para o homem no homem de letras?... Tem ido ás primeiras representações; ha sempre uns sujeitos que chegam mais tarde. A *outrere* cumprimenta-os. A sala examina-os. E o senhor: Remonville, e são os outros. Estão ali uma duzia, serios, impassiveis. Não se mechem. Não pestanejam. Com o drama ou com a farsa, não choram nem riem. São de marmore. Escutam sómente e olham. No dia seguinte, no fundo d'um jornal, recitam a peça ao publico. O homem de letras produz-me este effeito; sómente a peça que elle escuta e olha, é a sua vida. Analysa-se quando ama, e quando soffre, analisa-se ainda... A sua alma é uma cousa que elle dissecar... Sabem como um homem de letras se agarra a uma mulher? Como Vernet ao mastro do navio... para estudar a tempestade... Só vivemos com os nossos livros... Os outros dizem: Acolá vai uma mulher! Nós dizemos: Acolá vai um romance! Nós... mas, inclinados sobre as nossas paixões que se devoram, nós anotamos os seus rugidos! Nós fallamos d'amor como os outros; nós mentimos, nós não amamos. A nossa cabeça, toda a nossa vida tem o dedo sobre o pulso do nosso coração. N'um beijo, nós procuramos um conto, n'um escandalo um successo, no choro d'uma mulher o choro d'um publico, no amor uma obra-prima... Digo-lhes francamente, nós não amamos.

— Pois é pena! — exclama a Crécy levantando-se.

Como se passasse para o salão:

— Bem no intimo — conclue Demailly, — o amor é a poesia do homem que não faz versos, a ideia do homem que não pensa, o romance do homem que não escreve. É a imaginação do homem positivo, sério, do homem de prosa, do homem de negocios, mercceiro ou estadista, em torno d'um corpo ou d'uma saia... Mas o que é o amor para o homem que pensa?

— O sonho! — responde Lamperrière.

JULES ET EDMOND DE GONCOURT.

## DE VIAGEM

V. - P. - A.

*Não se esqueça de trazer o seu  
livro de bolso de bolso de bolso de bolso  
de bolso de bolso de bolso de bolso de bolso  
de bolso de bolso de bolso de bolso de bolso*

*De bolso de bolso de bolso de bolso de bolso  
de bolso de bolso de bolso de bolso de bolso  
de bolso de bolso de bolso de bolso de bolso  
de bolso de bolso de bolso de bolso de bolso*

*De bolso de bolso de bolso de bolso de bolso  
de bolso de bolso de bolso de bolso de bolso  
de bolso de bolso de bolso de bolso de bolso  
de bolso de bolso de bolso de bolso de bolso*

*De bolso de bolso de bolso de bolso de bolso  
de bolso de bolso de bolso de bolso de bolso  
de bolso de bolso de bolso de bolso de bolso  
de bolso de bolso de bolso de bolso de bolso*

FRANCISCA D'AZEVEDO

## GUILHERME D'AZEVEDO

Em Santa Cruz, foi um lyrico pallido, gracioso nas rebanhadas que fazia publicas, e trahia já na sombria apatia do trabalho da provincia, uma nota elegante, bem timbrada, finamente artistica, que se lia por prazer. Viu, entre um período burocratico, que lhe obrigava, e assignava os versos, se bem me lembra, com o nome de Guilherme Chaves d'Azevedo, um *Almanach de Lembranças*. Na transição dos livros que publicou então, a nota sarcasica e distante, que mais tarde fez d'elle um *chronista* estimado e applaudido — porque na vida realista, linearmente local, que elle vivia na provincia, escasseavam os artigos, que depois veio encontrar em Lisboa, e mesmo na mais vehemente dos seus triumphos, o trouxeram sempre amargurado e contorcido.

Em Guilherme d'Azevedo, poeta, ha pouco a admirar. O seu astro fallacia d'arrojo e d'originalidade. Seis annos antes de publicada, a *Alma Nova*, sua principal locubração poetica, teriam sido maravilhosas, como renovação artistica. Mas appareceu na mesma epocha do D. João, e antecedeu pelas vehementes estrofes de Manuel Duarte d'Almeida, e Guilherme Braga, o maior poeta portuguez dos ultimos trinta annos, deve-se escrever que esse lyrico empallidece, mau grado alguns soffríveis trochos que encerra. A forma, na *Alma Nova*, é correcta, e d'um largo estylo cheio de nobreza. Quanto o artificio e a arte podem dar á poesia, tudo se encontra nas insculpturas d'esses poematos, penetrados d'uma elegancia rara, e quasi exotica por vezes. Guilherme d'Azevedo era um sceptico, um *sceptico* cinzento, como diria Prosper Merimée: eis porque a sua poesia, um tanto artificial, nos não faz vibrar nem commover. A gloria d'esse nome anda ligada a chronica do jornal, a chronica diaria, ligetira, burilada, fuzcando abelhas d'ouro, dos casos occorridos aqui e alem, na vida ruidosa de Lisboa. Este genero litterario era, quando appareceu Guilherme, novidade completa, novidade entre nós; raios o cultivavam, mais raros ainda eram felizes n'elle — porque a indole do portuguez repelle esse fino esgrimir da palavra com sentidos multiplices, que é uma arte requintada da civilisação dos nossos dias; e quasi desconhece o magnifico poder d'uma phrase vellada, d'uma allusão subtilmente dita, a proposito de tal acontecimento ou tal nome. Portugal é o povo do Meio-Dia com menos graça originaria. Falta a sua ironia, nei caracteristico, inconfundivel do nacionalismo, como na esputante ironia franceza, e no sensu-

A ILUSTRACÃO

HANS MAKART



A CAÇADA DE DIANA



humour britannico, e nas *pochades* excessivas, bizarras, fanfarronas, e cheias de sal, dos italianos e dos hespanhoes.

A nossa pobreza contempladora, constantemente voltada sobre um passado de pompas; a nossa governação sempre humilhada n'um papel mais que subalterno, ao serviço d'um aliado que nos inutiliza; e uma decadência moral que se revella nos pequenos detalhes da nossa vida interior — mortificaram-nos o animo, atrofiando-nos a espontaneidade do riso, e pervertendo este, no que chamaremos a *troça*. Portugal fez troça, mas ri mal. Em litteratura, a mesma *grimace* physionomica, no logar do grande bom humor communicativo, que põe o homem de letras em intimidade com o publico.

Vejam a maioria dos nossos chronicistas ligeiros, á parte tres de quatro hillarianes espiritos de primeira grandeza. São pequenos *santosches* diários, cambalhoteando nos períodos com graças e phrasas, que por descriptude já se tornaram anonyms. A ironia, se a teem, sae-lhes dolorosamente bisculada, sem deixar ver por traz, um processo scientifico que lhe dê a flexibilidade d'um florido em joço, precisão na trajectoria, certeza ao alvo, e o intuito reformador indispensavel.

\*\*\*

N'este periodo, vem Guilherme d'Azevedo. Conheceram-no? Horivelmente fole, macilento, bigode hirsuto, mãos dentes, uma magreza de fellah; e com mãos viscosas, estréitas, inertes, cujo contacto impressionava pela frialdade humida das pulmas. Ainda moço, recentemente chegado a Lisboa, azevelado por todas as sympathias do *succeso*, e cheio d'ardentissimas sedes de gozo, elle apenas offerecia para resistir aos esbanjamentos da sua natureza abraçada, um poquinho d'abedol de força e de saúde. Um doente, cuja natureza de si irritavel, era exasperada pela deformidade, que em Lisboa o não deixou dormir nunca! Amoroso por temperamento, como todo o Portuguez de raça, exigente por indole artistica, este homem soffria de não ser amado e possuido, por todas as mulheres que lhe escandeciam o desejo.

De feito, n'um poeta plastico, que mais horivel escorneio da natureza que a deformidade, e quasi mascarada escovada e cadaverica que elle tinha?

Guilherme não tinha para consolar-se, o exemplo de Byron que era robusto, e possuia o belleza branco das raças libras do norte, tão antagonista das nossas. D'este intimo e irremediavel desgosto, lhe nasceu o aspecto d'irritação surda contra tudo aquillo que, mesmo involuntariamente, o agredia — e tudo agredia este delicado, desde que lhe punha a releva aquella perna cambada e coxa, e aquelle aquecimento de corpo que o fazia tão profundamente infeliz! « A força, dizia aquelle phantastico Merimé, n'uma carta á imperatriz Eugénia, é nos nossos tempos, a couza mais necessaria a uma mulher bonita. » Devia acrescentar: e a todo o mundo! Um fraco é um insulto, na vida de combate que arrastamos. No homem de letras, mais que n'um outro, requer-se a força phisica como accessorio indispensavel, como auxilia, e como interprete, do que a penna seja capaz de escrever. Assim, já não é paradoxal declarar, que a magreza dava a Guilherme d'Azevedo, um sarcasmo indomavel e odiante, que as delicadezas do poeta, do litterato, e do cavalheiro, iam corrigindo e depurando, imprimindo-lhe a forma litteraria, e um ligeiro ar de bonhomia. Porem vão estuda-lo no fundo: sentirão a amargura do coxo descontente, do dandy fallado, em perpetua revolta contra a sua incompetencia de figura.

Superficialmente, era antipathic, e feria pelos silencias aggressivos, com que se plantava em face de um estranho ou d'alguem que detestasse — sempre fazendo correr a bengalinha n'uma argola osseu, formada pelo polegar e indicador da mão direita. Depois, mais perto, não

era desagradavel a sua estima, porque havia dentro d'elle um sentimento immutavel de justiça e lealdade, que o prendia aos amigos para todo o sempre, e dava a nota do seu caracter duro talvez, mas profundamente honrado.

\*\*\*

Não foi por fôrma alguma, um prosador porque lhe faltavam essas larguezas de penna, que cinzelam o periodo n'um sopro, momentaneamente, e o deixam correcto logo da primeira redacção. Poucas vezes elle pôde consagrar a um assumpto, trez ou quatro paginas seguidas, criticando-o sob um plano philosophico indispensavel aos que se arvoram em censores, e por um systema d'ideias logicas e opinioes bem concatenadas. O seu processo consistia em redigir n'algumas linhas o caso a commentar, fechando-o com uma phrase ironica que muitas vezes era a applicação feliz d'algum estribilho em voga, no *palcio* gracioso de Lisboa. Admiram-se esses commentarios de Guilherme, pela concisão: brilhante, pacientemente procurada nos seus passeios vagabundos pelas ruas, sósinho, á tarde; ou pela manhã, quando apparecem nas senhoras, os primeiros *toilettes* claros de meia estação.

Algumas chronicas, bordadas pela fôrma que disse, capram logo a popularidade, porque se reteem de memoria sem esforço. O dito corria então de bocca em bocca, contava-se, commentava-se por todos os circulos litterarios da capital. Porem na pequenez dos paragraphos, nos dolorosos cuidados da redacção, no fazeur delgadito e agudo do commentario ao caso occorrido, sentia-se o esforço, uma aucta d'originalidade, e a teimosia constante d'enquadrar o dito no acontecimento. E talvez por esta razão, que muitas chronicas de Guilherme, não teem já a frescura do momento em que foram trabalhadas, nem espumam no bom humor inextinguivel, eterno, sempre novo, dos artigos que Eça de Queiroz deixou nas *Farpas*, Jayme de Séguier, na *Folha Nova*, ha trez annos, se não é tão incisivo e nido como Guilherme, por culpa do seu temperamento palaciano, surge-nos em compensação bem mais facil, espontaneo e alegre. N'este escriptor gentilhomem, o espirito era uma irrisação que bate as azas de borboleta, a rir com uma graça despreocupada, e recordando de longe, pelas infantilidades d'artista, a maneira de Delphin Girardin, n'alguns capitulos do *Visconde d'Aulnay*. Vejam como elle está á vontade, com que aristocratica finura sabe ser discreto, e com o seu riso de sadio não deixa verdadeiramente, a bilis d'alguma tortura secreta e iníqua? E o rapaz cheio d'esperanças, adorado, applaudido, galante, que as formosas senhoras distinguem na rua, e para quem o futuro está certo: Em Guilherme, não! Jamais elle está contente; jamais elle ri, sem que a *grimace* do dorreado lhe venha perturbar a limpidez do humor. Nas conversações intimas, os seus desdenhos litterarios são medonhos, e inspiram-lhe os meliores sarcasmos, que não citarei por estarem sangrentos ainda, as feridas que elles rasgaram. Certo pobre escriptor, vem d'uma occasião publicar no *D. da Manhã*, algumas quadras espi-rituosas, que fechavam com o seguinte verso:

« Quem sabe que licôr está dentro da uva? »

Realmente, quem sabia agora semelhante coisa? Dentro d'uma relas uva!... Espanto em toda a redacção do jornal, aquelle tempo exalçado por uma phalange dos mais elegantes escriptores da cidade. Cada cabeça entrou logo a trabalhar sobre o que estaria dentro das uvas. Mostro? Hum! Não era provavel. Entraram a commover-se e a agitar-se as bibliotecas, os homens de sciencia, os carreiros e venticillores da Bairrada e Torres Vedras. As trez da madrugada, quando fechava o jornal, grandes vozes propheticas diziam pelas ruas do Bairro Alto: — quem sabe que licôr?...

E ao longe, o echo:

— está dentro da uva! — Isto punha grandes pavores nos gatos d'aquellas paragens. De dia, Urbano de Castro afrontava Lobato, á porta da livraria Carmo. — Inda não sabes enfiar, o licôr que?... Outro erguia o seu olhar marçado em pranto, por sob um grande chapéu molle, derrubado á Paulo Rubens; e balbuciava:

— Oh, não m'o perguntes! não m'o perguntes! — e ambos apertavam as fontes, litejantes do cogitar profundo. Mas a espaços, jornaes de provincia, após eruditos artigos, recapitulavam em estranhas conclusões. O *Bejense*:

— Já sabemos o que está lá dentro! — Em acção geral! (Ouçam, ouçam!) — e o *Bejense*:

— É uma de trinta reis, para amanhã! Porem o *Campeão das Provincias*, mais gaiz que o collega, ia aventando outro alvitre. Segundo elle, dentro da uva havia, nada mais, nada menos, que Agua Circalapa, unica usada por todos os soberanos da Europa.

Choviam cartas ao *Diário*, lá dos confins do mundo, a indagar que diabo estaria dentro da uva? E uma gentinha sem brío, covarde e mal intencionada, d'esta que se occupa em rebucar escandalos pelas vidas alheias, teve o desaforo d'andar insinuando que o licôr era vinho.

— Olhem que não é outra coisa rapazes! Decide-se alfin, que Junqueiro e Guilherme elaborem uma cantata, que dissipe dos ceus aquella interrogação fatidica. Eis alguns d'esses espirituosos alexandrinos:

« Quem sabe que licôr está dentro da uva?

Desde que tu fizeste essa pergunta, Alberto, Eu ando balbuciando, ao vento, ao frio, á chuva, Perguntando ao Martinho e ás aves do deserto: Quem sabe que licôr está dentro da uva?

Já fui ao Alto Douro e fui a Traz-os-Montes; Interroguei a Igreja, os cordeiros, o papa. Interroguei o oceano, interroguei as fontes, E Setubal, e Daus, e o Agular, e o Lapa.

Compulsei dia e noite os codigos das leis, A vêr se resolvia esta questão vinicula; Lavei a negra esphinge ans dois Batalhas Reis, Conduzindo-a depois ao Instituto agrícola. Oh! para descobrir o que é que a uva encerra, Para saber qual é o magico licôr, Andei de plaga em plaga, andei de terra em terra, E fui desde o Cartaxo ao throno do Senhor. Que está dentro da uva? O que é que está n'ella? Oh mysterio sem fim da madre natureza! Será licôr de rosa ou licôr de canella? Ou não será licôr, será cereveja inglesa! Hypotheses truis formulou sem cessar!... Se a mão d'um alchimista, a mão d'alguma harpia Por acaso aprehendes a uva n'um lagar, A uva... o que é que deitaria? Como Hamlet que interroga o cráneo repugnante, Muitas vezes de noite, em noite desolada Eu vou-te perguntar as passas d'Alcântara: O que é que tinham dentro? — a não respondem nada! De que me vale estar na bella flor dos annos, Se eu não posso sentir no mundo algum prazer, Se eu ignoro, ai! de mim! os intimos arcanos. Se os bagos d'uma uva em si po lom conter!! Que está dentro da uva!

Abordo a especialidade de Guilherme, o genero litterario que lhe ia maravilhosamente ao caracter, e era talvez o brado natural d'esse espirito melindrado pelos pequeninos ridiculos e nlelidas da vida physica. Fallo das legendas com que elle collaborava na obra caricatural de Raphael Bordallo. Eis o unico lugar onde era preciso o seu sardonico talento! Gavarni não meditava as caricaturas; mas ia desenhando ao acaso — os primeiros traços davam-lhe o seguimento do desenho — uma figura trazia outra — em face das attitudes, do gesto e expansão physionomica da scena-muda que tracava, o artista desdobrado n'um philosopho; punha-se a scismar que poderia estar dizendo aquelle grupo



de personagens. Vinham-lhe um dia, nesses pittorescos leguinhos morais, de humor faiscante, fructos ácidos (bem gentis) e mofados, que a par de Balthaz, in extenso, em Lilliput, a sua Comédia Humana, nos Parcas Terribles, a Thémis Virelague, nos Dents mordants, e no Ce J'ai dit et ce n'est pas pour craindre, volentes, que constitua, elles se, uma philosphie e uma moral, philosophia sceptica, moral humanitaire, mais que abtem para dentro da antia lucanus vastas, de caixa amara desconhecidas o espirito disceptando que por o lapis no verso d'um systema d'ideias. Kan Sophie Paul Hecvador (Lilliput), a caricatura é a vesão gogoliana das ideias do literato e do philosopho. Kile aproveitava como uma vulgarização fácil e popular, no intento de captar pelo pectoloso do seu estylo a legião popular franceza, distribuída sempre por milhares de passatempos. Vejam para compor, simplesmente, o Thémis Virelague: um farrapo esticado em todas as abstracções, expressão de Gaudier, que logo do seu olho vejo um olhar sobre a vida e a humanidade, tão claro, profundo e enigmático, como o de Rabelais, Swift ou Voltaire.

Eis um grande desenhado: n'um grato anatomista, que repetiu os turbulências do convulsivo viver moderno, e no mesmo tempo, lia a escova o processo critico em quatro phrasas de forma lapidaria: que resuscita o carnaval de Paris pela criação do *debardeur* e da *debardeuse*, e de caminho funda o espirito Lilliput, breve, literario, vedado ao estrangeiro, que seia d'ora avante a lingua de Paris. Tão altas qualidades dispensam ao artista, commentar para as folhas do seu album. Gavarni é o commentador de si mesmo. Bordallo, como Gavarni, é um anatomista a sua maneira, sem cuidados pelas formas esculpturais, sem sympathia nem dedicação pelo que em linguagem de sala se chama a composição, representando os atrechos com uma pinta d'oxigoro chocante, e juntando aos grotescos da sua phantasia, ou seja uma bossa de mais, ou seja uma quantidade de menos. Se por um lado porém, os seus dotes de desenhista egualam em qualite os dos reis da caricatura europia, a verdade é que em Bordallo o desenhista excede muito o homem de letras, sendo indubitavel que o artista careça um socio da sua escultura, bem impregnado do seu espirito, capaz de pensar com elle, de completar pela frase a que haia no seu humor de mais indeciso, e upto ao mesmo tempo para fazer em duas palavras incisivas, deante d'um publico frio, a exposição de tal desenhista, e a synthese de tal situação ou *poetade*.

Não que a caricatura d'elle falleça desponsabilidade, ou se nos apparece exhausta de penetração ou viveza. Mas por que se nos afigure conhecida veriginosamente, sem mais visar que o lado exterior das figuras ou das cousas, pouco profunda, pouco critica — e quasi toda fazendo troço, mas sem rir o riso cruel que fica no ouvido como o silbo d'um chiote. A differença entre Gavarni e Bordallo — áparte os meios que actuaram sobre os dois e dado mesmo que podessem comparar-se — é que a caricatura de Gavarni, sendo a expressão da alma supralindada em flangeante nos seus recantos ignobis e contradictorios, é uma obra de demolição, e dentro a vida d'um cyclo social, desmanchado por secutos, mere de profunda ironia que ressumira: e a de Bordallo, não podendo ferir consciências com a alma d'um systema d'ideias concatenadas fortemente, não possuindo esse erudito literario que permite ao artista, por via d'uns pequenos accessorios, prolongar o espectador o campo de visão pela caricatura denota, e deixar ver indubitavelmente a exuberancia mental que precedeu a obra; visando figurinhas politicas unes por galhofar das figurinhas, que por nos dizer a gangrena no systema politico que as faz moverem-se, n'uma palavra os factos em si, sem mais querer saber do fundo paladoso onde elles se enraizaram; a caricatura de Bordallo, d'entre mesmo com os seus ties imprevisos e pi-

ctorescos, uma obra d'entretenimento, destinada a durar a vida eponeica d'uma ambrosia ou d'um capricho. O grato facto é o novo elegante caricaturista se reserir d'um collaborador litterario. Guilherme, com os seus bracos sobre-vehidos de sarcasmo, a legenda prompta, acurada, relampagante, acorda mais rari qualidades, nasce o collaborador de que Bordallo havia misturado, e bem comprehendido isto o caricaturista, porque tinha a vista os seus olhos se orvalham, recondido o quendo e encimvel compunctado. Novas mais elle achou outro. Não mais o achou. Em Guilherme o diti era uma formula synthetica do seu modo de ser. Visto ja clareado a formula liberat e agudo no sentido, de cada vez que o seu espirito exasperado, sentia a pena recusar-se a passear por essas ruas cheias de milhares, n'uma coriada attitud. Assim, as expressões desenhadas de Bordallo inspiravam-lhe a legenda, como lhe fazia brotar sarcasmos um personagem que lhe fosse antipathico, venho a dizer, sem esforço.

Le abito a *Louisa Magica*, as primeiras chronicas do *Diário da Manhã*, o primeiro anno do *Antônio Maria*... Guilherme d'Almeida, o sardão Guilherme, está todo alli.

Para embutir o dito feito n'um periodo de pressa, em ar de recapitulação jocunda, todo a gente sabe porém, o pobre rapaz novo. Eis o trabalho de burlação paciente, atormantada e difficil, de que todos os seus biographos fallam. Guilherme d'Almeida muito dolorosamente escreveu sobre um assumpto, seguidamente, quatro ou cinco paginas de pressa. Não tinha o dom de prolongar o assumpto pelos multicores aspectos que um homem d'imaginação vas descobriu na coisa mais escaiz de correlacionar um facto com outros analogos, d'intervir os pequenitos detalhes facetaes que constituem a intriga e a fascinação de certos indoles d'artista. As correspondencias da *Gazeta de Notícias*, trechos seus de mais diluitada corpulencia, são deliciosas noções de vinte e quarenta linhas, tecidas por um d'aquelles *tons* de phrase que eram a sua qualidade dominadora, e parecem grãos de dor provocados pela perna coxa, que lhe desmanchasse a cada passo a linha imperfeita de dandy.

A sua comedia *Rozalina*, que os jorales do tempo classificavam uma obra caricatural de primeira grandza, desmancha a dissecação do José Prudhomme portuguez — áparte o acto d'apresentação que tem cento vezes, não passa d'um completissimo desastre.

Imaginese uma serie de scenas tão incoherentes como faltas d'interesse, em que os typos não tem logico, e a falta de plano critico anterior faz fallar todas as situações; um theatro de disparates prudhomescos, sem o memor intuitivo caricatural, inventado por uma imaginação fatigada, e não visando outro alvo mais que o successo da risota bestial. Imaginando isto, teremos *Rozalina*, annunciada como um boçalito a Monier, da contextura mais mordente.

O ultimo acto então duas vezes escripto pelo autor, é verdadeiramente lastimoso! E quem ousaria crei-lo? — Tamartha é a influencia de certos nomes n'um cyclo d'admiradores ou d'amigos, que *Rozalina* fez escola em Portugal, como comedia.

Os senhores conheçam, de leitura ao menos, as varias cathogorias d'escriptores francezes de theatro.

Augier, para a comedia drama, d'effeitos seguitos, analyse sagacissima e profundas vistas, onde a actual sociedade franceza — uma aristocracia pobre dando a mão de noiva a uma burguezia triumphante — vem estudada com um vigor de grande mestre.

Sardou, Pailleron, Gondinet, Dumas filho, Meilhac e Halévy, etc., para as comedias de dialogo, cujo irisado yerve e japeavel elegancia continuam em litteratura as tradições da velha conversação franceza dos salões do seculo xviii.

Depois os escriptores de comedia popular, da grossa comedia larga, cheia de phantasia macabras, de fivelções e partidadas garoto, pondo em jogo as mais espontaneas doultes, fôrça sabendo qualitar dentro do grotesco que é o seu elemento e o seu thiem, relagos de coherencia, uma certa logica e unidade de figuras, que são a lei indisputavel de harmonia, mesmo nas obras n'uma descabelladas. Hygieno Labatut é o representante mais encantador d'esta gatuza de comedia; e por meio tradidito em Lisboa, tem elle incluido de sobejo na imaginação e processo do trabalho dos honis escriptores dramaticos originaes, hastes sctientes, ao transporem para os seus creações, a falta d'uma observação directa e duria veia comica legitima, o processo Labatut, esplanando ter comu elle a coherencia, a verosimilitude, o vigor e insuperavel veia comica, que faz com que a plateia admita sem e-candulo, num grossaria, num falta de gosto, insinuações ás vezes frescas, propozias ás vezes descabelladas, e as mais estravagancias enomidades.

Porém esquecendo-lhes inocularem na sua obra aquelles boas quantidades de Labatut, os nossos escriptores de theatro, cujo talento os veneno, mas cujas produções me deixam frio, revertiram n'ella, a tual talvez de caracteristica de raça, esse jogo intencional de disparates, cheio de pretensões jocosas, que fazquazi todo o dialogo do segundo e terceiro actos do *Rozalina*.

Eis a genealogia de muitas comedias portuguezas em pressa escriptas nos ultimos seis annos, comedias que a meu ver não são ares, nem litteratura, mas tão somente caracinhos de palhao fatigado e documentos d'impotencia mental. Respondam alguem — mas agradaram. Infelizmente, infelizmente!

FILHO D'ALMEIDA.

## ALTAR SEM DEUS

*Tudo não voltas? — Com a vida salta  
Destes quadros de esplendidas molduras;  
Mulheres nuas, raras formosuras...  
Só a tua nudez entre ellas fallia. —*

*Pede-te o espelho de armazão tão alta,  
Onde revias tuas formas puras;  
Pede-te as cegas, lubricas atreves  
Do linho, que a paixão no leito exalta.*

*Pede-te os vasos cheios de perfume,  
Os duncheques, as mesas, as cortinas,  
Tudo quanto a mulher de bom resume.*

*Escolhito por suas mãos divinas...  
E sae do teu altar vazio, ó nme!  
A tristeza indizível das ruínas...*

Rio de Janeiro,

LUIZ DRUMOND.

Illustração publicada nos seus proximos numeros:

Um conto original do seu brilhante collaborador ar. conde de Ficalho.

Um conto original — Sua Excellencia o Marquês de Fialho d'Almeida, um dos mais notaveis escriptores da moderna gogol litteraria.

E desenhos originaes de Amadeo Ramalho Villegas.

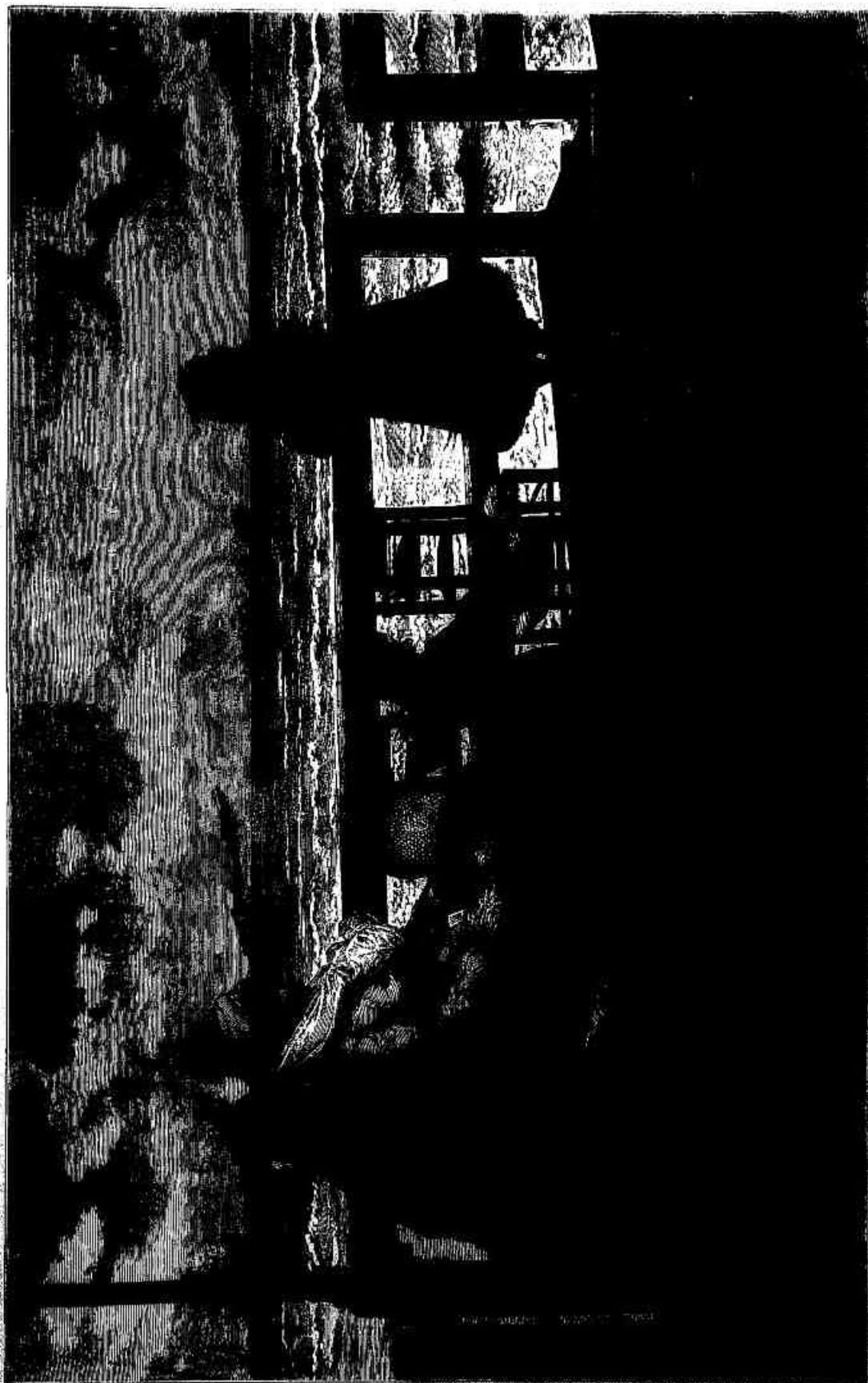


## PORTUGAL



O CASTELLO DE GUALDIM PAES. — Desenho de Grezo. — (Gravura de Heitor)





FIM DE ESTAÇÃO. — Quadro de Duez

## NOTAS E IMPRESSÕES

**E** no modo como as condecorações se espalham e se multiplicam pela Europa d'anno para anno, ha-de chegar indubitavelmente um momento em que seja uma distincção — não trazer distincções.

GRIMM.

O despotismo perpetua a ignorancia e a ignorancia perpetua o despotismo.

TURGOT.

Nas sociedades humanas, como na natureza, nada se destrõe, nada se cria, tudo se transforma.

VALTOURN.

Ha tres cousas que eu tenho sempre amado e que nunca pude comprehender: a pintura, a musica e as mulheres.

FONTENELLE.

O coração das mulheres parece-se com as casas hespanholas que tem muitas portas e poucas janelas: é mais facil entrar do que ler lá dentro.

JOÃO-PAULO RICHTER.

A anarchia é a ultima esperanza do despotismo.

LAKANAL.

Antigamente tinha-se algum medo de Deus; hoje tem-se mais medo dos jornaes.

NESTOR ROQUEPLAN.

Os conversadores são uns prodigos. Conversar é deixar o espirito pela janella fóra.

M<sup>me</sup> ACKERMANN.

É raro que d'um bom conselho resulte alguma coisa boa.

BYRON.

Calor-se e deixar comprehender o seu silencio, constitui a eloquencia das situações difficeis.

LAMARTINE.

A prodigalidade dos millionarios só se pode comparar á sua avidéz em ganhar.

H. DE BALZAC.

Um deputado que viola a lei, é como um pao que violesse a filha.

AURELIEN SCHOLL.

Em tempo de paz, os novos enterram os velhos; em tempo de guerra os velhos enterram os novos.

HERIOT.

## THEATROS

**E** eu lhes disser o motivo porque não fiz chronica no ultimo numero, não o acredito, que eu bem sei.

Nem uma novidade.

— O que? Durante 13 dias?

— N'uma quinzena de Outubro?

— Quando todos os theatros já estão abertos?

Palavra, nem uma.

Pode-se dizer que foi uma semana *manguê* porque as promessas eram das melhores e tudo levava a crer na realisacão d'ellas.

Uma desillusão.

E d'ahi, ha uma coisa que ainda lhes não contei e que talvez lhes interesse.

Não a conto, mas quero lembra-la para não me criminares depois.

Fallo da *Cour d'amour* o novo baile do Eden composto por Balbiani com musica de Leopold de Wenzel.

Que fiasco!

Os fatos são magnificos, as vistas boas, as dançarinas soffríveis, a musica é má, o libreto pessimo. Pouca comparsaria, pouquissimo movimento, nenhuns effeitos.

Bem sei que é custoso substituir o *Excelsior*, mas que diabo, procurando bem, não é go que achassem tão bom como o baile de Manzotti, mas melhor do que o de Wenzel, não era talvez difficil.

Emfim eu não querendo fallar do novo bailado — que de resto nada tem do novo senão (e ainda estou em duvida) a apotheca — não occulto a minha parcialidade no assumpto.

Eu detesto a dança.

Sempre as mesmas piruetas, os mesmos pulos, sempre os mesmos pinoes, as mesmas posições sempre. É uma edicção que se exgotou no ver a luz.

O *Excelsior* só se sustentava de uma idea nova, de vistas esplendidas, de uma musica superior, machinismo complicado, marchas, contramarchas, effeitos seguros de comparsaria e accessorios; no bailado é que menos se pensava.

*Cour d'amour* não tem nada d'isso. Escusado será pois lutar pela existencia quem tem uma origem atrophada e a empresa parece concordar commigo, pelos activos preparos que faz para montar o novo baile *Messalina*.

Está quinzena foi um pouco mais fertil mas as novidades annunciadas ainda não chegaram apesar de passadas mais duas semanas. Em todo o caso as primeiras eram diarias.

O maior successo d'estes quinze dias foi a *reprise* das *Pattes de mouche* de Sardou no *Français*, comedia que Santos fez tão conhecida e tão applaudida e o *Grand Casimir* (*reprise* tambem) no *Variétés* em que Céline Chaumont fez a sua entrada depois do passeio a Hespanha, Portugal, etc. Um verdadeiro enthusiasmo por este *Grand Casimir* que cahiu rondamente em Lisboa com Josepha de Oliveira e de que em Paris se faz hoje a terceira *reprise*. Verdade seja que os Parisienses prendem-se a pouco e que uma das cousas que mais os atrahia é, o exercicio d'equitacão feito por Chaumont no 2.<sup>o</sup> acto. Porque Céline é uma distincta *ecuyère* e aprendeu equitacão expressamente para fazer em scena estas habilidades de circo: pinoes, dança, cumprimentos, uma *Madame Guerra* *pur sang*.

Pae do Céu a que o theatro chegou!!!

Emfim lá se vai assistindo á operetta e ouvindo a Chaumont — como diz Sarcy — *d'orga de a escutar*, com a sua voz, rouca e pequenina.

*Premières*, verdadeiras *premières*, em primeira mão tivemos: *Boislaurier*, no Beaumarchais; *Aniara*, no Renaissance; *Telescope*, no Dejazet, e *Etienne Marcel* no Opéra Populaire.

Mas... o que posso eu dizer de bom, de peças que os próprios jornaes francezes e demais estão ligados aos theatros por conveniencias diversas reprovaram completamente? Nada.

O theatro francez está assim e é com um esforço heroico de vontade que todos procuram salvar da cheia de fiasco que o vem inundando, este ou aquelle afogado que, apesar de tudo, consegue sobrenadar aos destroços.

D'esta vez, agarrou-se pelos cabellos uma peça e para se salvar a grandezza da coragem e da abnegação dos salvadores, basta pensar que se representou no Beaumarchais, quasi no fim de Paris, um theatro de *bagatelas* quasi.

O salvado é *Boislaurier*.

Um drama pathetico com muitas molias velhas girando em eixos modernos.

Ao levantar do pano é no 2.<sup>o</sup> acto sobretudo conhece-se logo, deito de mette. O seu auctor, M. Richard fez receber e representar ha annos, no *Comé-*

die uma peça *Les Enfants* e é para sentir e para meditar o motivo que levou Richard a trocar a primeira scena franceza pela da praça da Bastilha.

Descorem? Não me parece! Outros haverão que tenham sido mais desaminados e acabando por onde o auctor do *Boislaurier* começou!

Revelaram-se n'esta peça dois talentos, e um d'elles, Esquier, era bem digno de ser trazido para theatros mais importantes. A critica não deixou de os reparar e a critica dramatica franceza faz transformações herculeas nas carreiras artisticas dos actores e não ha ainda quatro mezos que eu vi ser notada uma *duçna* n'um theatro do quarta classe e que já hoje contracenou no *Saint-Martin* com Pasca e Marais nos *Danicheff*. É M<sup>me</sup>, Roland.

Inconsciente do seu proprio merito deixou-se puxar a um primeiro plano, sem saber porque, nem como e quando, um companheiro dos tempos meos felizes lhe perguntou quanto exigiria de gratificação em sendo celebre respondeu ingenuamente.

— 200 francos.

— Só?

— E mesmo assim não sei o que lhes hei-de fazer.

Cumprirá, M<sup>me</sup>. Rolland o que prometteu? Varemos.

*Etienne-Marcel* a opera de Saint-Saëns tem um verdadeiro successo. Não é mais do que o seguimento do exito que a opera obteve em Lyon onde foi representada pela primeira vez.

Esta semana novamente nos saltou aos olhos o nome do sr. Leopold de Wenzel. Agora como auctor da musica do *Chevalier Mignon* subido á scena do *Bouffes*.

Mais feliz n'esta operetta do que no bailado, procurou no entanto um libretto sem graça e sem novidade e que não promette longa vida á musica.

O sr. de Wenzel a não buscar outra forma de escrever está desmentindo as esperanças que deu com as suas canções vivas e saltantes, o *Petit Bleu* e a *Tonkinoise* dois verdadeiros *bijoux* de graça e d'antraim.

O *Grande-Opéra* deu-nos a 100.<sup>a</sup> da *Aida* com grande estrondo e sem Verdi cuja presença apregoavam por toda a parte. Este disse que os seus 72 annos não lhe permittiam agora uma viagem mas que os acompanhava com o coração. Cantata muito usada pelas celebridades e muito abusada por Hugo.

O *Opéra-Comique* fez *reprise* da *Galathea* de Victor Massé e todos os outros theatros tem montado peças antigas como: o *Odéon* os *Eclairés*; de Andrieux; o *Folies-Dramatiques* os *Cloches de Corneville* e alguns outros o *Jean Bascaille* e a *Maison du Pont-Notre-Dame*.

O *Ménus-Plaisirs* deu a *Bagasse*, uma mistura tragico-buffo-dramatica, sob o nome do *vaudeville* pretexto para umas cançõezas cantadas por Mme. Graindor, um verdadeiro primor de café-concerto ainda que um pouco antigo.

Esperam-se ansiosamente e a todo momento as primeiras do *Ernani* no *Comédie*, *Macbeth* no *Odéon*, *Amour* no *Vaudeville*, *Château de Tire-Larigot* no *Nouveautés*, *Rip* no *Folies* e *Ronde du Commissaire* no *Gymnase*.

Não podemos deixar de ser gratos ás empresas theatraes de Paris que honrarão A ILLUSTRACÃO com bilhetes de *premières*, e procuraremos por todos os meios ao nosso dispor, não sermos inferiores, ao favor e á confiança que o nosso jornal lhes merece.

J. MIRANDA.

**E** nas pessoas que tem questões civis, andamentos de processos e mais assumptos de tribunaes a tratar em França devem dirigir-se de preferença ao sr. Director do Contencioso dos quatro Arpadissements, Paris, boulevard de la Vilette, 12.

Tambem se encaregem n'este cartorio de todas e queesquer indicações commerciaes.







